

# A ARTE NA INTERMEDIACÃO RELIGIOSA AFRICANA

**Virginia Maria Almeida de Freitas**

Doutoranda HCTE/UFRJ

vmafreitas@oi.com.br

**Ricardo Silva Kubrusly**

Professor HCTE/UFRJ

riskuby@gmail.com

## INTRODUÇÃO

A idéia de descobrir não pode ser confundida com a de decidir. Cabe à sociedade decidir pelos seus métodos se ela quer ou não usar as descobertas (da ciência) (BRITO CRUZ, 2008).

Platão e os Empíritos dispunham que a arte alcança a natureza do seu objeto e os motivos do seu conhecimento. Após investigação da natureza daquilo que se trata e a explicação causal dos seus fenômenos, torna-se hábil de explicar a ambos, racionalmente, como o médico que, tendo analisado a natureza do corpo humano e as causas da doença, torna-se competente a produzir uma explicação para o tratamento. Tal arte produzirá na alma o mesmo que a medicina no corpo. A ciência é só parte da cultura. Na formação do homem entram outros valores que nem sempre a ciência tem como ajustados e concordantes. A própria História das Ciências não se atrapalha quando ensina que o transcendente é, no mínimo, chave para uma reflexão; que na concepção do cidadão pragmático há que entender seus instrumentos e técnicas com os quais ele se engaja no tempo e no espaço. A transmissão oral do saber é um dos importantes patrimônios imaterial daquele grupo humano. Vindos de uma sociedade com esta tradição secular os registros ficaram naquele continente por conta da arte: entalhes na rocha no Saara, em Níger, seus primeiros registros de arte conhecidos, datados de 6000 anos; esculturas antigas - como a cerâmica de Nok (Nigéria), datada do século V a.C. ao II século d.C. ou a arte como testemunha religiosa trazida juntamente com as danças, a musicalidade, a culinária, os contos, mitos, lendas, provérbios, histórias e fábulas. A religião: memória de toda esta sociedade. A arte africana já se estabeleceu. Os museus da Europa Ocidental contém o maior acervo da arte antiga africana no mundo. Mas muito da cultura tradicional da África está mesmo por ser pesquisada e investigada aguardando coexistir com a cultura nomeada oficial ocidental. Tal se passa com a religião de raízes Iorubá, o candomblé,

bastante difundido em todo o território brasileiro. Assim como nas religiões africanas e afro-brasileiras no candomblé associa-se a arte, pragmática, para usos e costumes. Pinturas e esculturas (a principal expressão da arte africana) são, para os seguidores do candomblé, sensíveis de abrigar de energias e a adquirir forças mágicas.

## **A AFRICANIDADE DA CULTURA BRASILEIRA**

Platão (Atenas, 427 ou 428 – 348 ou 347 a.C.) e os Empiristas dispunham que a arte alcança a natureza do seu objeto e os motivos do seu conhecimento. Após investigação da natureza daquilo de que se trata e a explicação causal dos seus fenômenos, torna-se hábil de explicar a ambos, racionalmente, como o médico que, tendo analisado a natureza do corpo humano e as causas da doença, torna-se competente a produzir uma explicação para o tratamento. Tal arte produzirá na alma o mesmo que a medicina no corpo.

A ciência é só parte da cultura. Na formação do homem entram outros valores que nem sempre a ciência tem como ajustados e concordantes. A própria História das Ciências não se atrapalha quando ensina que o transcendente é, no mínimo, chave para uma reflexão; que na concepção do cidadão pragmático há que entender seus instrumentos e técnicas com os quais ele se engaja no tempo e no espaço. Culturas, outras, oferecem recursos que são de consenso entre seus seguidores e parte importante na vida da maioria daquelas pessoas. Tem ocupado lugar tímido entre as preocupações de pesquisadores e profissionais da ciência, ao longo da história, o estudo destes modelos fora do dito oficial pela Academia; e, o impacto das descobertas é desafiador. Inicialmente faz-se necessário que a sociedade concorde com o descobridor e o descobrimento; depois, é imprescindível que ela tome a iniciativa. Tais modelos reclamam da produção de investigações científicas que possam qualificá-los para contribuir de forma importante, segura, evidente, explícita e aberta para a sociedade como um todo.

Na sociedade categorizada por uma diversidade étnica e cultural como a brasileira, há diferentes atores sociais protagonistas de historicidade e referências culturais, espirituais e sociais diversas. A comunidade científica local ainda precisa comprometer-se com estas formas de discursos, conhecimentos, experiências, fazeres enquanto se adapta a novos conteúdos conceituais, representações e linguagens. No Brasil esta lacuna está por ser preenchida.

Gradual e silenciosamente o Brasil vem assimilando a cultura africana transportada para aqui, inicialmente, de maneira indireta, depois, de forma evidente. No feitiço indireto, a retirada de negros da África para trabalhos forçados já era hábito presente em Portugal, pelo menos desde a

última metade do século XV. Por ocasião da captura na África, por Alfonso V de Portugal, dos portos marroquinos de Arzila (1471) e Tânger (1487), levou-se à força prisioneiros dentre os quais havia 250 judeus, que foram vendidos como escravos em todo o reino. Os judeus portugueses se reuniram e o acadêmico Dom Isaac Abravanel (Lisboa, 1437 - Veneza, 1508) viajou pessoalmente por todo o país, redimindo os 250 escravizados.

Segundo Miller (1997) há muitas maneiras de se entender a outra forma, a visível, direta, da chegada dos negros africanos no Brasil; a mais convencional: um conjunto entrelaçado de cidadãos africanos retirados de seu continente de forma imperiosa e enviado às plantações de cana de açúcar nas ilhas atlânticas e Américas - açúcar, o dínamo econômico devido a três motivos: povo, produtos e minerais preciosos; o ouro africano contribuiu para o crescimento dos ativos monetários europeus (século XV e parte do XVI). O metal ia, inicialmente, para a Itália. Segundo Viriato Corrêa (1927) foram os italianos que inauguraram na Europa, durante a Idade Média, impulsos náuticos e se constituíram mestres dos portugueses. Voltando a Miller (1997), mais tarde o precioso metal encaminhar-se-ia para os Países Baixos, na Europa do Norte. Os desastres demográficos reduziram as populações indígenas na América (século XVI) criando a necessidade de importação de mão de obra. A preferência pelos africanos se deu porque se fossem trabalhadores europeus estar-se-ia reduzindo o mercado doméstico de consumo daquele continente para seus próprios produtos oriundos do Novo Mundo e desconcentrando dinheiro dos centros financeiros do norte da Europa - chave do crescimento comercial. Com a África fora dos padrões monetários de ouro e prata da Europa e da Ásia trocar bens e mão de obra na África por produtos, permitia aos europeus adquirir propriedade e conservar dinheiro o que representava investimento adicional na economia atlântica. “A longo prazo, o tráfico funcionou como um meio de valorizar a força de trabalho da África como mercadoria” (MILLER, 1997, pag. 14).

A transmissão oral do saber é um dos importantes patrimônios imaterial daquele grupo humano. Está em Costa e Freitas (2011) que Amadou Hampâté Bá (Mali, 1901 – 1961), pode ser um exemplo para toda a África de autêntica história de cultura oral. Bá dedicou sua vida a salvar e a reabilitar a tradição oral fula e bambara ou bamana. Ele chegou a cargos diplomáticos de seu país na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO); em 1960, naquela Instituição, declarou que “Na África, cada velho que morre é uma biblioteca que se queima...” (BÁ, 1960). Morreu aos 90 anos deixando obra escrita.

Assim, vindos de uma sociedade com esta tradição secular os registros ficaram naquele continente por conta da arte: entalhes na rocha no Saara, em Níger, seus primeiros registros de arte

conhecidos, datados de 6000 anos (CAMPBELL e COULSON, 1999); esculturas antigas - como a cerâmica de Nok (Nigéria), datada do século V a.C. ao II século d.C. (SALUM, 2005) ou a arte como testemunha religiosa trazida juntamente com as danças, a musicalidade, a culinária, os contos, mitos, lendas, provérbios, histórias e fábulas; “se você quiser compreender uma cultura, ouça suas histórias” (SACKS, 2007, pag. 45). A religião: memória de toda esta sociedade.

## **A ESTRUTURA SÓCIO-CULTURAL-RELIGIOSA AFRICANA**

Há aproximadamente 40 000 anos, o Neandertal europeu foi substituído por populações do homem moderno oriundos da África. Recente publicação na *Science* mostra evidência arqueológica bem documentada da região de Aquitaine, no sudoeste da França. O artigo esclarece que são matéria corrente de debate, além do climático e do ambiental, as práticas diversas de adaptação usadas pelo homem moderno para sobreviver, em muito maior número (a população que aí chegou cresceu dez vezes mais). Entre os fazeres usados então o acurado mecanismo tecnológico, econômico, biológico e, social (aumentada integração e coesão social; rede de casamentos e alianças entre diferentes grupos; novas conexões sociais envolvendo uma proliferação de práticas simbólicas, de cerimonial e artística) da população que chegava (MELLARS AND FRENCH, 2011).

Se os judeus marcharam com a Torá “através da Idade média como uma pátria portátil” (HEINE, 1854; SACKS, 2007, pag. 198), os tambores africanos que aqui chegaram com os negros delimitavam suas regiões, tribos, pátrias, músicas, danças, festas, religiões de origem. É própria das culturas a arte particular em ritmos. Verger (1992) em nota à página 141 escreve sobre os atabaques, tambores falantes, com os quais se obtém os três tons do idioma iorubá. Mauss (2003) registra o caráter próprio dos exércitos; encontrava-se ele entre as tropas inglesas durante a guerra; a marcha da infantaria britânica é sabida ser diferente em frequência e duração, daquela dos franceses. Em seu relato Marcel Mauss desconsidera o balanceio e a ação do joelho inglês. Após façanha durante a batalha de Aisne ao lado da França, o regimento de Worcester pediu autorização real para ter toques de clarins, baterias, banda de corneteiros e tambores franceses. O resultado foi desencorajador. Seis meses após a referida batalha, o regimento de nobres ingleses não conseguia desfilar – conservara sua marcha inglesa e a ritmava à francesa. Tudo discordava. O regimento teve que suprimir os clarins franceses.

Das zentrale Thema der traditionellen afrikanischen Kunst ist das Bild des Menschen (KOLOSS, 1999).<sup>1</sup>

A arte já se estabeleceu. Os museus da Europa Ocidental contêm o maior acervo da arte antiga africana no mundo. Mas muito da cultura tradicional da África está mesmo por ser pesquisada e investigada aguardando coexistir com a cultura nomeada oficial ocidental. Tal se passa com a religião de raízes Iorubá, o candomblé, bastante difundido em todo o território brasileiro. Assim como nas religiões africanas e afro-brasileiras no candomblé associa-se a arte pragmática para usos e costumes. Pinturas e esculturas (a principal expressão da arte africana) são, para os seguidores do candomblé, sensíveis a abrigar energias e a adquirir forças mágicas. Para Barros e Esquivel (2000), já na Antiguidade, rochas magnéticas foram aliadas ao pensamento de que forças, a partir do ferro, podiam influenciar o organismo humano; estudos procuraram no campo magnético formas de cura para as doenças, de modo a se estabelecer uma relação manifesta entre o magnetismo e o comportamento pessoal. Hipócrates (460 – 377 a.C.) e, em particular, Galeno (131 - 201), indicavam a magnetita no tratamento de humores e feridas, além de associá-la à depressão. A noção de que o imã poderia ter influência sobre a saúde humana atingiu grande aceitação até a Idade Média na cultura eurocêntrica.

No iorubá falado na África Ocidental as palavras podem ter diferentes significados dependendo da inflexão da voz com que são pronunciadas. Idioma tonal, quando corretamente proferido, tem pelo substantivo *Àse* definição de “Lei, comando, instrução, ordem”; também, num outro parágrafo do mesmo dicionário, “Amém” (FONSECA, 1988). “Força vital que transforma o mundo” para Prandi (2007). No Brasil, hoje, o iorubá é um código ritual (Serra, 2002). Este Comando abrigado nas pinturas e esculturas, esta Lei mágica, princípio e fim (“Amém”), é um tipo de energia, conceito particular, que configura todos os procedimentos da cultura religioso-filosófica do povo oriundo daquela região. Também esta energia para seus fiéis é única, holística. O universo (macro) inteiro e o ser humano (micro) constituem, com ela, um só sistema de vida com toda a natureza. Esta força, matéria sutil ou energia seria captada do planeta (macro), assentada na cabeça do homem (micro), de onde passaria a equilibrar seus vários centros energéticos: mental, físico e espiritual.

---

<sup>1</sup> “O tema central da tradicional arte africana é a construção do Homem”.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÁ, Amadou Hampaté (1960). In: ALMOULOU, Saddo Ag. 2003. **A palavra negra africana e Mali, terra de Amadou Hampaté Bâ**. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática – São Paulo - PUC/SP. Disponível para consulta em: <http://www.forumafrika.com.br/amadou%20hampate%20a%20b%20a2.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2011.
- BARROS, Henrique; ESQUIVEL, Darci. **Interação do Campo Magnético da Terra com os Seres Vivos: História da sua Descoberta**. Revista Brasileira de Ensino de Física, vol. 22, no. 3, Set. 2000. Disponível em: <[http://sbfisica.org.br/rbef/Vol22/Num3/v22\\_312.pdf](http://sbfisica.org.br/rbef/Vol22/Num3/v22_312.pdf)> . Acesso em: 03 jan. 2007.
- BRITO CRUZ, Carlos Henrique de. **Descobrir Não é Sinônimo de Decidir**. Rev Pesq Fapesp, 07/05/2008. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/?art=4699&bd=2&pg=1&lg>. Acesso em: 13 jul. 2011.
- CAMPBELL, Alec e COULSON, David. **The Dabous Giraffes Project, Niger**. THE DIGGING STICK. Vol16 (1), 1-12, April 1999. Disponível em: [http://www.archaeologysa.co.za/images/uploads/vol\\_16\\_no\\_1\\_1.pdf](http://www.archaeologysa.co.za/images/uploads/vol_16_no_1_1.pdf) . Acesso em 17 jul. 2011.
- CORRÊA, Viriato. **O Brasil dos Meus Avós**. São Paulo: CIA Editora Nacional. 1927. 263 p.
- COSTA, Nelson Lage e FREITAS, Virginia M. Almeida. **Das Sociedades de Mágicos Àquelas de Cidadãos**. Comunicação submetida com aceitação certificada para apresentação no CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS, Coimbra, 26 A 29 DE OUTUBRO DE 2011.
- FONSECA, Eduardo (Junior). **Dicionário Yorubá (Nagô)** – Português. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A., 1988. 436 p.
- HEINE, Heinrich. Confessions, 1854. In: EWEN, Frederic. **Poetry and Prose of Heinrich Heine**, Nova York: Citadel Press, 1948, p. 663. In: SACKS, Jonathan. PARA CURAR UM MUNDO FRATURADO – A ética da Responsabilidade. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2007, pag. 198.
- KOLOSS, Hans-Joachin. Afrika - **Kunst und Kultur – Traditionen Afrikanische Kunst**. Probleme ihrer wissenschaftlichen Erfassung und ästhetischen Bewertung. 1999. Disponível em: <http://www.smb.museum/mv/afrika/afrikapr1.htm>. Acesso em: 19 set. 2011.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003. 536 p.

---

MELLARS, Paul e FRENCH, Jennifer C. **Tenfold population increase in western europe at the neandertal-to-modern human transition.** *Science*, vol. 333, no. 6042, p. 623-627, 29 Jul 2011.

Disponível em: <http://www.sciencemag.org/content/333/6042/623.full>. Acesso em: 30 jul 2011.

MILLER, Joseph C. **O ATLÂNTICO ESCRAVISTA - açúcar, escravos e engenhos.** *Afro-Asia*, 19/20:09-36, 1997.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás.** 9ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras. 2007. 591 p.

SACKS, Jonathan. **PARA CURAR UM MUNDO FRATURADO – A ética da Responsabilidade.** São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2007. 354 p.

SALUM, Marta Heloisa Leuba (Lisy). **Africa: Culturas e Sociedades. Serie Formas de Humanidade.** Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. 2005. Disponível em:

[http://www.arteafricana.usp.br/codigos/textos\\_didaticos/002/africa\\_culturas\\_e\\_sociedades.html](http://www.arteafricana.usp.br/codigos/textos_didaticos/002/africa_culturas_e_sociedades.html).

Acesso em: 17 jul. 2011.

SERRA, Ordep et al (Organizadores). **O Mundo das Folhas. Feira de Santana:** Universidade Estadual de Feira de Santana; Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2002. 237 p.

VERGER, Pierre Fatumbi. **ORIXÁS – os Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo.** 4ª Ed. São Paulo: Corrupio, 1992. 295 p.